

# Movimentos sociais e educação: intervenções político-pedagógicas de movimentos negros em Sorocaba

Social movements and education: political-  
pedagogical interventions of black movements in  
Sorocaba

*Mariana Martha Cerqueira Silva\**

## RESUMO

Este artigo se insere nas discussões sobre movimentos negros e educação e é fruto da pesquisa que desenvolvi no mestrado em Educação. O presente trabalho apresenta como objetivo recontar o percurso histórico da população negra de Sorocaba desde o século XVI bem como mapear a presença atual de coletividades negras nesta mesma cidade. Os dados aqui expostos são resultado de ampla pesquisa bibliográfica sobre a história da cidade a partir de levantamento de obras do historiador Carlos Carvalho Cavalheiro. O mapeamento dos movimentos negros em atuação no século XXI são decorrentes do critério metodológico da pesquisa participante desenvolvida naquela ocasião. Nesse contexto foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os/as militantes destes movimentos negros que nos cederam os dados compartilhados neste artigo. A história desta população negra segue o padrão da negligência, quando não da distorção, a que foram submetidos os feitos históricos de resistência, luta e intervenção social encabeçados por afrodescendentes. As ações dos movimentos negros em atuação revelam que a conquista por direitos sociais é ainda bandeira de luta no século XXI e que o campo da educação continua sendo espaço formativo para transformação de nossas relações étnico-raciais.

**Palavras-chave:** Movimento negro. Educação. Relações étnico-raciais.

## ABSTRACT

This article is included in discussions of black movements and education and is the result of a research that I developed in my Master of Education. This paper presents the objective of recounting the historical background of the black population of Sorocaba since the sixteenth century and, at the same time, map the current presence of black communities in this same city. The data shown here are the result of extensive literature on the history of Sorocaba from raising works of historian Carlos Carvalho Cavalheiro. The mapping of black movements in operation in the twenty-first century are due to methodological criteria of participatory research developed at that time. In this context, semi-structured interviews were held with the militants of these black movements, which gave us the data that has been shared in this article. The story of this black population follows the pattern of neglect, if not distortion, which has undergone the historical resistance, the struggle and the social intervention led by African descent. The actions of black movements in performance show that the achievement of social rights is still a battle flag in the twenty-first century and that the field of education remains formative space for transformation of our ethnic-racial relations

**Keywords:** Black Movement. Education. Ethnic Racial Relations.

---

\*Graduada em Pedagogia pela USP e Mestre em Educação pela UFSCar. Atualmente é pesquisadora integrante do ETNS/ UFSCar-So, assessora pedagógica do Centro Cultural Quilombinho e atua como professora universitária de cursos voltados à temática da Educação para Relações Étnico-Raciais e Educação para Diversidade.

## Afroascendência sorocabana

Acercai-  
vos e escutai-me.  
Em concordância com vossos dizeres  
Vou contar aos meus ouvintes  
Como as coisas aconteceram,  
Desde vós, no passado, até nós, no presente,  
Para que as palavras sejam preciosamente guardadas  
E fielmente transmitidas  
Aos homens de amanhã  
Que serão nossos filhos  
E os filhos de nossos filhos.  
Segurai firme, ó ancestrais, as rédeas de minha língua!  
Guiai o brotar das minhas palavras  
A fim de que possam seguir e respeitar  
Sua ordem natural”. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 180)

**F**alar da população negra na cidade de Sorocaba, ao menos historicamente, é como discorrer sobre um mito<sup>2</sup>. Nesta cidade, o senso comum foi construído de modo a crer que a escravidão sorocabana foi “branda”, amistosa para os negros, como se fosse possível afirmar que submeter alguém a um regime de escravidão possa ser considerado uma situação branda. Outro fator é a questão do adiamento da extinção da escravidão em Sorocaba e ainda a reafirmação do mito da democracia racial que torna comum a afirmação frequente de que não há ou houve preconceito racial nessa cidade.

Obras como a do historiador sorocabano Carlos Carvalho Cavalheiro (2006; 2007; 2010; 2013) contribuem para desconstruir essa visão por meio de pesquisas históricas.

Segundo dados das pesquisas de Cavalheiro (2006; 2010) os primeiros negros<sup>3</sup> que chegaram a Sorocaba eram escravizados da região da Guiné e propriedades de Baltazar Fernandes, fundador de Sorocaba. A situação econômica peculiar da região sorocabana – fora do eixo de produção da economia de exportação – explica porque a população escrava não era tão numerosa se comparamos esta região a outras do tipo açucareiras ou cafeeicultoras.

No século XVI o cenário escravocrata sorocabano, era largamente composto de escravizados trazidos de outros estados brasileiros<sup>4</sup>. O chamado

<sup>2</sup> Segundo Paulo Freire, em seu livro *Extensão ou comunicação?* (1983), “[...] os mitos, são instrumentos usados pelo invasor para lograr seus objetivos: persuadir os invadidos de que devem ser objetos de sua ação, de que devem ser presas dóceis de sua conquista. Daí que seja necessário ao invasor descaracterizar a cultura invadida, romper seu perfil [...] (s/p)

<sup>3</sup> Há possibilidades de que existissem negros na comitiva de Afonso Sardinha já em 1589, como participantes na montagem de fornos na região de Araçoiaba. Sobre isso, cf. Bonadio e Frioli, *Sorocaba uma história ilustrada*. FUA, 2004

<sup>4</sup> Isso não exclui a possibilidade de indicar que esses escravizados pudessem ter procedência africana, como afirma Freitas Junior (1929): “Em Sorocaba havia negros de todas as nacionalidades africanas.

tráfico interno ou interprovincial era intensificado pelo aumento do comércio local que por sua vez era movido pelas atividades de tropeirismo. Conforme Cavalheiro (2006) Sorocaba contava com uma quantidade considerável de escravizados, embora concentrado nas mãos de poucos proprietários.

O escravo negro começa a participar amiúde do cotidiano da cidade. Em meados do século XIX, já se encontra em Sorocaba escravos trabalhando como ama-de-leite, escravo de ganho, tropeiros, domadores e condutores de animais, cozinheiros, roceiros... (CAVALHEIRO, 2010, p.27).

Durante o período em que aqui vigorou o sistema escravocrata, Sorocaba foi palco de uma série de violências contra os escravizados. Pode se afirmar que estes atos partiam tanto do próprio escravo, como do senhor e, inclusive, das instituições que representavam a ordem pública. (CAVALHEIRO, 2006).

Contra esse sistema de violência e opressão muitas foram as formas de resistências dos escravizados. Em Sorocaba, assim como em outros lugares do Brasil, o suicídio dessa parcela oprimida da população foi numeroso. Outra forma de resistência negra presente nos registros sorocabanos foram as fugas realizadas individual ou coletivamente, como é o caso do êxodo de Capivari<sup>5</sup>, ocorrido em outubro de 1887.

[...] o escravo negro em Sorocaba não se deixa alienar, procurando de inúmeras formas resistir à escravidão, ainda que em troca de sua própria vida. Não é raro o relato de escravos que no desespero de sua luta acabam se suicidando, deixando-se matar e até mesmo procurando contrair doenças incuráveis. Como também não são raras as notícias de fugas, de formação de quilombos, de revoltas e cenas de violência escancaradas que envolvem o escravo de Sorocaba. (CAVALHEIRO, 2006, p. 11)

Os escravos utilizavam os meios de que dispunham para lutar contra a escravidão. Afirmarões como essa são importantíssimas para confirmar ao negro escravizado no Brasil a condição de sujeito ativo na busca de sua emancipação.

As pesquisas de Cavalheiro (2006; 2010) que tratam do século XIX, especialmente a partir de sua segunda metade, nos traz dados relevantes sobre as condições a que foram submetidas a população negra da época. Dentre elas destacamos: a proibição de manifestações afro-brasileiras e de cultura caipira, como fandango, capoeira e batuques, dentre outros. Desde 1850<sup>6</sup> as leis municipais já explicitavam esta postura de opressão e silenciamento das culturas de matriz africana. O desejo da elite local em ampliar o mercado consumidor e implantar a mão-de-obra assalariada; o aumento do valor do escravo a partir de 1850 com a proibição do tráfico negreiro; a diminuição do número de escravos por conta da Guerra do Paraguai (1864-1870); o movimento

---

Benguelas, cabindas, angolas, moçambiques [...]”. Cf. *Sorocaba dos tempos idos*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. 27, p. 115.

<sup>5</sup> Sobre este episódio, ler *História do Preto Pio e a fuga de escravos de Capivari, Porto Feliz e Sorocaba*, de Carlos Cavalheiro (2007). Um interessante relato organizado em forma de literatura cordel.

<sup>6</sup> Código de Posturas da Câmara Municipal de 1850. Acervo particular de Carlos Carvalho Cavalheiro.

abolicionista sorocabano, encabeçado pelos maçons da Loja Perseverança III e intensificados pelo apoio de teatros de cunho abolicionistas. Todo esse contexto culminou para que aqui o fim acelerado da escravidão acontecesse alguns meses antes da extinção oficial, mais precisamente em 25 de dezembro de 1887.

Desconstruindo a ideia de que Sorocaba foi redentora para com os escravizados, adiantando sua libertação, a pesquisa histórica de Cavalheiro (2010) em sua obra *Vadios e Imorais* permite-nos compreender que a escravidão existiu enquanto serviu aos interesses das elites governamentais e econômicas da cidade. Parte da cultura local também não creditava aos escravos condições que lhes permitissem galgar posições de mobilidade socioeconômica na estrutura social sorocabana.

Pesquisas como essas são importantes para retratar que em Sorocaba, assim como na cidade de São Paulo e no Brasil<sup>7</sup>, a população negra liberta foi relegada a um patamar socioeconômico inferior e com baixas condições de mobilidade social. Com o fim da escravidão, foi também preterida à população imigrante no que toca aos serviços assalariados de prestígio e ascensão social.

E quando acabou a escravidão, ao negro sobrou a exclusão social. Com raras exceções não havia lugar para ele na nova sociedade industrial e moderna, onde os trabalhadores, na sua maior parte imigrantes, já ocupavam seu espaço. E com a mesma gana o negro continuou a lutar contra o preconceito e por seu lugar na nova conformação da cidade. (CAVALHEIRO, 2006, p. 15)

A liberdade em forma de lei infelizmente não garantiu melhores condições de vida à população negra, impedida pela organização estrutural e ideológica da sociedade da época de ascender socialmente. Muitas foram as justificativas criadas para esconder a verdadeira causa que não permitia aos negros conquistar condições de equiparação. Falamos aqui de preconceito e, sobretudo, de racismo.

A despeito da suposta boa intenção de alguns, o que se pretendia mesmo era continuar explorando a mão-de-obra do negro de alguma forma. [...]

Entretanto, o que mais desnuda a hipocrisia da elite sorocabana é o incentivo e promoção de uma guerra à vadiagem ocorrida logo após a decretação do fim da escravidão. A classe dominante queria fazer crer que o aumento da vadiagem estava diretamente relacionado ao crescente número de libertos, do que se depreende que, para essa elite, os escravos não estavam moralmente preparados para a vida em liberdade. (CAVALHEIRO, 2010, p. 100-101)

O não reconhecimento da condição social de um ser humano livre e detentor de direitos, além das proibições oficiais às expressões culturais e religiosas de origem afro-brasileira, bem como as situações de racismo e preconceito a que estavam expostos cotidianamente, levaram alguns negros sorocabanos a criarem organizações. Coletividades que pudessem servir de apoio e suporte na criação de novos territórios existenciais. Lugares de encontro

---

<sup>7</sup> Conferir estudos de Bastide e Fernandes, 1959, e Costa Pinto, 1953.

e fortalecimento de culturas afrodescendentes comumente compartilhadas e de enfrentamento a essas e outras situações de opressão social e racismo.

Essa busca da coletividade foi, antes de uma resposta à situação de exclusão social a que estava submetida a população negra da época, um retorno às raízes africanas. Diz-nos Rocha (2011) que as comunidades tradicionais afro-brasileiras têm a família extensa como verdadeiro núcleo da vida social e engendram um forte vínculo de solidariedade e de fortalecimento da identidade individual e grupal. Nesse sentido, para a cultura africana a singularidade de cada pessoa é construída no coletivo.

O movimento negro nasce mobilizado por este elemento constituidor da cosmovisão africana. E é a partir desta coletividade que se constroem algumas histórias de movimentos negros sorocabanos. Histórias que não estariam vivas sem a resistência de militantes, sujeitos que constroem nossas histórias negras e brasileiras e que tornam viva nossa cultura.

## Negros em movimento

Mapear a diversidade de movimentos negros atuantes em Sorocaba é tarefa importante para marcar a especificidade das experiências locais no coletivo da grande luta contra o racismo e a favor da equiparação racial. Segundo Santos (2002), a revelação dessas experiências sociais contribui para torná-las credíveis.

Nossos antepassados africanos foram submetidos a uma diáspora negra (HALL, 2003) que trouxe consigo uma série de elementos característicos à população brasileira e que se fazem presentes no cotidiano vivido por cada um dos descendentes desta diáspora, especialmente se negros. Dentre eles podemos destacar a cultura religiosa de matriz africana em suas mais diversas formas de manifestações, a organização matriarcal das famílias, sobretudo as afrodescendentes e a educação gestada no seio de suas próprias comunidades. É a este último elemento que vamos nos deter a partir de agora.

À luz de teorias que já analisaram o percurso histórico do movimento social negro (PEREIRA, 2010; PEREIRA, 2008b) encontramos a formação dos movimentos negros desta pesquisa situados num período definido por contemporaneidade, porque se iniciaram pós anos-70 do século passado. Para Amílcar Pereira (2010) a hipótese é que a circulação de referenciais teóricos no chamado “Atlântico negro”, numa referência à diáspora negra que se estabeleceu através do Atlântico (África-Américas), tenha contribuído para a construção de muitas das características desta fase do movimento negro, em termos globais.

Segundo Domingues (2007) nesta fase o movimento negro apresenta um discurso mais contundente de denúncia ao racismo e principia propostas e ações na luta pela promoção da igualdade racial (PEREIRA, 2008). Neste sentido, manifestações públicas, uso da imprensa, formação de comitês de base, e outras formas de organização indicam as estratégias de luta utilizadas.

O “afrocentrismo” torna-se um movimento muito presente em práticas, estilos de vida, discursos e forma de resistência à desvalorização e ao desrespeito à população negra. Foi a base, por exemplo, da luta pelos direitos civis norte-americanos, da descolonização de alguns países africanos e até de propostas do movimento negro brasileiro como é o caso da Pedagogia Multirracial, desenvolvida no Rio de Janeiro e fundamentada nas ideias de afrocentrismo de Molefi Asante.

Foi especialmente a partir dos fins do século XX que os movimentos negros, assim como outros movimentos sociais, organizaram-se numa estrutura política de formato institucionalizado. Nessa nova conjuntura a maioria deles constituiu-se como uma Organização Não-Governamental (ONG)<sup>8</sup>. Essa nova estrutura requisitou uma maior atenção dos militantes do movimento negro para não serem capturados pelas amarras do sistema neoliberal. Por outro lado, a captação de recursos financeiros regulares advindos desse processo de institucionalização que prevê parcerias com instituições governamentais permitiu aos movimentos negros a execução de ações mais frequentes.

Outra característica importante do movimento negro contemporâneo é a reivindicação pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”. Para Pereira (2010) essa foi a razão do surgimento de uma das principais organizações do movimento negro contemporâneo brasileiro, o Grupo Palmares, de Porto Alegre. Essa foi também a razão para o surgimento do Instituto de Cultura Afro-Brasileiro de Sorocaba<sup>9</sup> (ICAB).

Em consonância com estas análises teóricas, aqui em Sorocaba o diálogo do “Atlântico Negro”, acontecia a partir das pesquisas de uma das Câmaras de Estudo<sup>10</sup> do Núcleo de Cultura Afro-Brasileira (NUCAB) que discutia a situação do negro para além dos solos brasileiros, como pode ser observado em relatos dos militantes entrevistados para esta pesquisa e nos arquivos de estudos<sup>11</sup> do próprio NUCAB.

O discurso de denúncia ao racismo e as propostas de ações para combatê-lo também estiveram presentes na contemporaneidade da historiografia negra sorocabana, como pode ser observado em práticas desenvolvidas pelo NUCAB e pela Fundação Cafuné<sup>12</sup>.

Nesta pesquisa foi possível identificar que a existência de projetos pedagógicos nos movimentos negros revelaram especificidades comuns ao que alguns autores chamam de cosmovisão africana (OLIVEIRA, 2003). A pedagogia foi um elemento comum dentre as estratégias de luta utilizadas por movimentos negros sorocabanos. Foi inclusive esse o recorte utilizado para

---

<sup>8</sup> Ver explicação sobre o que representa ser uma ONG de cunho racial no contexto da nossa atual política neoliberal, no subcapítulo 1.1.

<sup>9</sup> Hoje localizado no piso superior da Biblioteca Aluísio de Almeida, dentro da Universidade de Sorocaba (Uniso).

<sup>10</sup> Era o nome dado aos grupos de pesquisa deste Núcleo Cultural.

<sup>11</sup> Estes arquivos encontram-se na sede do NUCAB (Biblioteca Aluísio de Almeida).

<sup>12</sup> Programa de ação afirmativa criado por integrantes do NUCAB.

selecionar os movimentos que tiveram suas histórias aqui narradas. Para estes movimentos negros a educação pode ser entendida como uma prática libertadora.

Ao vasculharmos formas de mobilizações políticas em torno da questão racial, identificamos os seguintes movimentos negros atuantes em Sorocaba: a Sociedade Recreativa e Beneficente 28 de Setembro (Clube 28), o Movimento de Mulheres Negras de Sorocaba (Momunes), o Núcleo de Cultura Afro-Brasileira (NUCAB), o Centro Cultural Quilombinho (CCQ), a Ação Periférica, a Associação Raízes e a ONG Avante Zumbi, essa última, embora fisicamente situada na cidade de Votorantim, desenvolve diversas atuações em Sorocaba. Todos esses movimentos serão brevemente identificados a seguir.

#### 1) Sociedade Recreativa e Beneficente XXVIII de Setembro (Clube 28)<sup>13</sup>

Esta entidade foi criada em 1945 e funciona num casarão localizado à rua Machado de Assis, nº 112, na região central de Sorocaba. Atualmente está sob direção de Fábio Isidoro.

O espaço físico do Clube está passando por uma ampla reforma que intenta ampliar as possibilidades de ocupação dessa entidade por militantes do movimento negro e demais membros da sociedade civil. A intenção é recuperar a característica de clube recreativo e de lazer, agora não mais destinado especificamente à população negra, embora não-negros sempre tenham sido bem-vindos. A nova direção preconiza valorizar e difundir a cultura africana e afro-brasileira em seus mais diversos aspectos, especialmente no que se refere à sua parte política e cultural.

#### 2) Movimento de Mulheres Negras de Sorocaba (Momunes)<sup>14</sup>

Esta ONG iniciou suas atuações em 1999 e foi fundada pela militante Maria José Lima.

O Momunes surgiu a partir de demandas apresentadas pelas mulheres do projeto “Coral das Mulheres Negras” que demonstravam a necessidade de outros tipos de apoios assistenciais para desenvolver sua cidadania plena, bem como manter-se no coral. Essa foi a justificativa para que Mazé, como é conhecida a fundadora da entidade, decidisse organizar as ações sociais que vinha desenvolvendo estendendo-as à outras mulheres, estava fundado o MOMUNES.

Na atual direção da entidade encontramos Cátia Martins como presidente e Adriana Martim Souza Costa como vice-presidente e coordenadora geral.

Diante da diversidade e amplitude de projetos desenvolvidos o Momunes conta com sua sede oficial localizada à Rua Orestes Ângelo Colo, nº62 no Jd. São Marcos, região leste da cidade. Neste espaço, conhecido como “Espaço de Convivência Momunes” (ECIM), o grupo desenvolve o projeto “Momunes em Ação” que são oficinas culturais e cursos em que se promove e difunde a cultura

---

<sup>13</sup> A descrição aqui apresentada conta com a colaboração e revisão de Rosângela Alves, atual secretária financeira da entidade.

<sup>14</sup> A descrição aqui apresentada conta com a colaboração e revisão da atual vice-presidente dessa entidade.

afro-brasileira com foco na geração de renda. Dentre os cursos há a capoeira, o artesanato, a culinária, as oficinas de artes, as oficinas de musicalidade, a construção de instrumentos e o teatro.

Há ainda dois outros projetos desenvolvidos em diferentes sedes, são eles: “Projeto Casa de Passagem” que atende mulheres em situação de vulnerabilidade social das mais variadas causas: situações de cárcere privado, moradoras de rua, acompanhantes de pacientes internados em hospital público da região, dentre outras. Este projeto acontece numa casa localizada à rua Major João Elias, 373 na Vila Carvalho, região oeste da cidade. Há também o “Projeto Recomeço”, que diferentemente dos demais trabalhará com o público masculino, trata-se de um projeto de reintegração social para ex-dependentes químicos. Este projeto, que ainda está por começar, ficará localizado na antiga sede da entidade localizada à rua Major João Lício, na região central da cidade.

Curiosamente, segundo dados fornecidos pela vice-presidente da entidade, apenas 3% das mulheres atendidas são negras.

### 3) Núcleo de Cultura Afro-Brasileira (NUCAB)

Fundado em 1992 pela antiga Faculdades Integradas Dom Aguirre (FIDAS), hoje conhecida por Universidade de Sorocaba (Uniso). O Núcleo funciona no piso superior do prédio da Biblioteca Aluísio de Almeida, localizada no campus da UNISO situado à Rod. Raposo Tavares.

Teve como 1º presidente o já falecido professor Jorge Narciso de Matos. Atualmente representam a entidade a Prof<sup>a</sup> Ana Maria S. Mendes, que responde pela direção geral e o militante Ademir Barros dos Santos, responsável pela “Câmara de Difusão Cultural”.

Suas atuais práticas pedagógicas correspondem principalmente a palestras, produção de artigos e elaboração de cursos de formação de profissionais da educação para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, aos ditames do que sugere a Lei 10.639/03.

### 4) Centro Cultural Quilombinho (CCQ)

Fundado em 2003 pelas professoras Marilda Ap. Corrêa e Rosângela Alves da Silva, militantes do movimento negro sorocabano, atualmente está localizada à R. Caramuru, 203, no bairro Vila Leão.

Atende, em média, 60 crianças divididas nos períodos da manhã e da tarde, conforme matrícula dessas no ensino regular. Oferece vivências de capoeira, dança afro, teatro, música (coral e percussão) e artes plásticas. Ao mesmo tempo é sede de diferentes projetos itinerantes que têm a questão étnico-racial como foco de suas propostas. Essas atividades são oferecidas à comunidade interessada com intuito de conhecer, valorizar e divulgar a cultura africana e afro-brasileira.

Além disso, a ONG já teve parceria com as secretarias de educação das cidades de Sorocaba e Votorantim atuando na implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira e para o ensino de EREER por meio de vivências de africanidades em

sua sede e também por meio da formação pedagógica de profissionais da educação.

Responde pela sua atual direção Luisa Alves, como presidente da entidade e a Prof<sup>a</sup> Rosângela Alves da Silva, como coordenadora de projetos.

#### 5) ONG Ação Periférica

Criada e presidida pelo militante Márcio Roberto dos Santos, mais conhecido por Márcio Brown.

A Ação Periférica é um movimento em atuação desde 2006. Segundo Brown, suas práticas giram em torno dos assuntos e temas que circunscrevem o universo da periferia, tais como a questão da juventude (lazer, genocídio, igualdade racial, combate às drogas, etc.), e a promoção e difusão política e cultural do Hip Hop.

Dentre suas atividades principais destaca-se o projeto “Nossa Cara Preta”, destinado a explorar o universo do Hip Hop. Para este projeto, há a promoção de eventos políticos e culturais como o “Hip Hop Mulher”, em que se discute e incentiva as atuações femininas no Hip Hop; os campeonatos de grafites, BBoys e MC’s. Há também a Revista Nossa Cara Preta com circulação frequente entre os movimentos negros da região.

No âmbito político a Ação Periférica já planejou e sediou a Semana da Juventude Negra, em que se discutiu politicamente o papel de atuação desta juventude no século XXI. Outra ação foi o apoio deste grupo para o estabelecimento da Lei Municipal que instituiu a Semana do Hip Hop na cidade de Sorocaba.

Para Brown, a Ação Periférica é uma grande ferramenta de atuação política, social e cultural dentro da periferia, principalmente através do Hip Hop. Sua intenção é levar essa linguagem do centro à periferia da cidade, e vice-versa. É por isso que embora grande parte das ações do grupo aconteçam na Zona Norte da cidade, para primeira sede da entidade o grupo está pleiteando uma localização central.

#### 6) Associação Raízes

Primeira ONG sorocabana voltada para discussão e promoção de assuntos referentes à Saúde da População Negra.

Foi fundada por Regina Pedroso, militante do movimento negro sorocabano, em 9 de agosto de 2005.

A primeira atuação política desta ONG foi promover o 1º Encontro de Quilombos e Quilombolas de Sorocaba e Região. Neste encontro a questão da anemia falciforme ganhou o centro das discussões e Regina percebeu a necessidade de dar ao tema um enfoque ainda maior, elencando-o como bandeira principal de sua entidade. Em seguida, a Associação Raízes organizou o 1º Fórum de Saúde da População Negra de Sorocaba e Região, no Clube 28 de Setembro. Deste encontro participaram além do estado de São Paulo, o estado de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Atualmente suas principais atuações referem-se a palestras em escolas públicas de Sorocaba e região para discutir e apresentar o tema da anemia falciforme. Doença que muito acomete a população negra e afrodescendente, mas que segundo Regina, é bastante negligenciada pela classe médica.

Infelizmente, Regina confirmou que até o presente momento a secretaria municipal de saúde nunca demonstrou interesse em desenvolver políticas públicas voltadas à saúde da população negra. Não há inclusive dados coletados que permitam encontrar os números e demandas desta população.

#### 7) Associação Avante Zumbi

Esta organização surgiu da necessidade que seus representantes identificavam na população negra da cidade de dialogar politicamente sobre as questões de cunho racial. Segundo Carlos dos Santos Penha, popularmente conhecido como Penha, um dos fundadores desta ONG, o academicismo de outros movimentos negros dificultava o acesso da população às discussões raciais.

A articulação de vários atores sociais negros propiciou que o nascimento deste movimento negro acontecesse em 2006, em caráter regional. Inicialmente a Avante Zumbi chegou a ter sede nas regiões de Salto de Itu, Itapetininga, Itu, Laranjal Paulista e Votorantim.

Embora localizada na cidade de Votorantim, a Associação Avante Zumbi tem ampla divulgação e atuação na cidade de Sorocaba. De 2008 a 2010 teve sede em Sorocaba, na Zona Norte da cidade, entretanto, esta representação não existe mais. Atualmente a Avante Zumbi não tem sede própria, mas todo o seu corpo diretor é residente da cidade de Votorantim, local em que desenvolve grande parte de suas atuações.

Das atuações desenvolvidas em Sorocaba destacam-se: i) a participação e apoio político para reconhecimento e decretação da data de 20 de novembro como feriado municipal; ii) a promoção e realização de missas afro em igrejas católicas da cidade; iii) o incentivo e a elaboração do 1º curso de formação de professores promovido pela UFSCar/Sorocaba em parceria com movimentos negros da região.

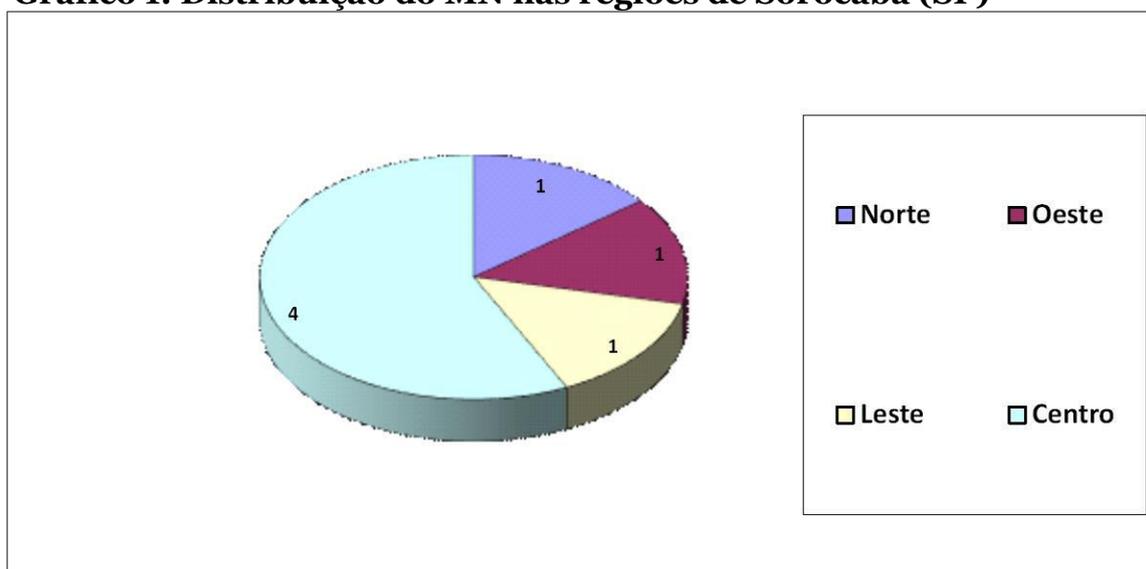
É importante considerar que os movimentos negros sorocabanos estão localizados, sobretudo na região central da cidade. Contudo, o censo do IBGE (2010) aponta que esta não é a área de concentração da população preta e parda que reside em Sorocaba.

**Tabela 1: Dados da população por cor/raça e por área ponderada censitária de Sorocaba (SP)**

Região ponderada/raça-etnia	PARDA	PRETA	BRANCA
Norte	77.694	14.675	212.197
Oeste	20.483	4.040	91.629
Leste	18.070	3.724	86.024
Centro	2.387	992	22.714
Sul	2.617	583	22.213
<b>Total</b>	<b>121.251</b>	<b>24.016</b>	<b>434.777</b>
<b>Percentual</b>	<b>20,67%</b>	<b>4,09%</b>	<b>74,11%</b>

**Fonte:** Censo do IBGE 2010.<sup>15</sup>

**Gráfico 1: Distribuição do MN nas regiões de Sorocaba (SP)**



## Considerações finais

Os caminhos do MN sorocabano são permeados de coragem, perseverança e pioneirismo. Seus personagens são guerreiros e guerreiras que ainda hoje constroem histórias.

Algumas das experiências educativas dos movimentos negros sorocabanos pesquisados anunciaram processos de rompimento à submissão imposta pela visão ocidental de mundo, isto é, suas ações construíram epistemologias orientadas sob outra cosmovisão.

<sup>15</sup> Para os fins dessa pesquisa não foram consideradas as estatísticas referentes à população indígena e amarela, presentes na pesquisa realizada pelo IBGE.

É nessa luta pela reafirmação da identidade negra que, nas experiências analisadas, encontramos elementos da *cosmovisão africana*<sup>16</sup>, deixados como herança pelos africanos que aportaram no Brasil (OLIVEIRA, 2003). Os elementos desta cosmovisão são raízes da cultura brasileira de origem africana (SILVA, 2003), são *africanidades* tradicionais e contemporâneas que constituem a cultura brasileira.

Reconhecer que a cultura brasileira é composta de *africanidades* implica em compreender como e do que se constitui a *cosmovisão africana* para então identificar no cotidiano de nossas vidas as heranças africanas que estiveram intencionalmente silenciadas pelo sistema de opressão social e racial a que foi e ainda é submetida a população negra no Brasil.

Por outro lado, a escavação dessas experiências demonstrou que algumas delas favoreceram aos educandos a possibilidade de pensarem sobre si mesmos e sua realidade, a partir do ponto de vista étnico-racial, na intenção de valorizar uma visão de mundo, um modo de ser e viver que por séculos esteve relegada a patamares marginais da organização social brasileira, sobretudo na área da educação.

Outro dado importante indica que o mapeamento dessas experiências identificou que apenas um dos movimentos negros sorocabanos desenvolve parte das suas ações na zona norte da cidade, onde está localizada a esmagadora maioria da população negra.

É provável que para aumentar a participação popular nestes movimentos, bem como para garantir maior alcance de suas ações, especialmente entre a população negra que reside em Sorocaba, os MN possam ampliar suas atividades para outras regiões da cidade. Transitar entre o centro e a periferia, como se propõe a ONG Ação Periférica parece ser um caminho necessário. A parceria de MN com as escolas públicas da cidade, a exemplo do que realiza o CCQuilombinho, também é uma possibilidade de ampliação do contato com a população negra da cidade.

## Referências

CAVALHEIRO, C. *A história do Preto Pio e a fuga de escravos de Capivari, Porto Feliz e Sorocaba*. Sorocaba: Edição do autor, 2007.

\_\_\_\_\_. *Nossa gente negra*. Sorocaba: Create Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. *Scenas da escravidão*. Breve ensaio sobre a escravidão negra em Sorocaba. Sorocaba: Create Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. *Vadios e imorais: Preconceito e Discriminação em Sorocaba e Médio Tietê*. Sorocaba: Create Editora, 2010.

<sup>16</sup> A cosmovisão pode ser entendida como a maneira pela qual uma pessoa ou um grupo interpreta uma dada realidade. O prefixo cosmo refere-se a mundo, universo. Assim, a cosmovisão é uma forma de ver, de enxergar o mundo cósmico. Neste texto falamos de aspectos da cosmovisão africana que fundamentam o pensamento brasileiro.

DOMINGUES, P. *Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos*. *Tempo* [online].2007, vol. 12, n. 23, p.100-122.

HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. UFMG, Brasília: 2003.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010.

OLIVEIRA, E. D. de. Epistemologia da ancestralidade. *Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins*, vol. 1, nº 2, março/agosto 2009.

\_\_\_\_\_. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação* – RESAFE. Número 18.maio-out.2012, p. 28-47.

PEREIRA, A. M. *Trajetórias e perspectivas do Movimento Negro Brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

PEREIRA, A. A. “O mundo negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). Tese (doutorado em História). UFF, Rio de Janeiro, 2010.

ROCHA, R. M. de C. *Pedagogia da Tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras*. *Revista Paidéia*. Univ. Fumec. Belo Horizonte, ano 8, nº 11, p. 31-52, jul/dez 2011.

SANTOS, B. de S. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro, p. 237-280. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais: Portugal, 2002.

SILVA, M. M. de C. *Africanidades e Educação Popular: uma análise de propostas e vivências pedagógicas de movimentos negros em Sorocaba*. Dissertação de mestrado (Educação). UFSCar-So, agosto/2014.

SILVA, P. B. G. Africanidades brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. *Revista do professor*. Porto Alegre 19 (73): p. 26-30. jan/mar, 2003.

**Recebido em:** 13/05/2016

**Aceito em:** 30/06/2016